



A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação



Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)

Apresentação

Neste Boletim, abordamos um tema que faz parte do nosso cotidiano, e talvez por isso mesmo, não pensemos em sua historicidade.

A caligrafia e as práticas e orientações que a envolveram são tratadas aqui de forma breve, mas esperamos que este Boletim possa suscitar ideias para investigações, e que nossos leitores possam vislumbrar seu potencial como objeto de pesquisa.

NESTE NÚMERO

**A EDUCAÇÃO COMO
ESPAÇO DE
DISCIPLINA:
UM PEQUENO
ESCRITO ACERCA
DA CALIGRAFIA E
DA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA NOS
SÉCULOS XIX E XX**

DIVULGAÇÃO

De 8 a 10 de novembro de 2023, será realizado o II Encontro Paranaense de História da Educação, no Setor de Educação - Campus Rebouças - UFPR, em Curitiba - PR.

Até 02 de outubro - divulgação da programação completa;

De 09 de outubro a 06 de novembro - inscrição de ouvintes.

Acesse o site do evento para mais informações:

<https://educacao.ufpr.br/ephe/>



II Encontro Paranaense de História da Educação
Preservação de acervos, pesquisa e formação de
pesquisadores -

25 anos da Linha de Pesquisa
História e Historiografia da Educação
(UFPR/PPGE)



A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO DE DISCIPLINA: UM PEQUENO ESCRITO ACERCA DA CALIGRAFIA E DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX

Proponente principal: João Victor Silva Borges

1. Introdução

Marc Bloch, em uma das suas várias comparações que traça acerca do trabalho do historiador em seu famoso livro *A apologia da História ou o Ofício do historiador*, aponta que esse é como um ogro que sente sua caça em cada rastro de odor humano. Disso depreendemos o seguinte: todo e qualquer material de produção humana, que deixa seus rastros, pode ser utilizado pelo ogro caçador como sua caça, ou seja, pode ser transformado pelo historiador em historiografia.

No entanto, temos a total noção de que algumas presas se mostram mais fugidias que outras, tendo o historiador, agora pedindo licença às metáforas Blochianas, que ter métodos muito precisos e próprios para conseguir fazer seu trabalho de uma maneira teórica e metodologicamente precisa a depender, claro, do material utilizado.

Dessa maneira, pode-se pensar o seguinte: que materiais dentro do espaço educacional podem fazer parte da História da educação? Será que somente os materiais didáticos e seus discursos explícitos podem ser abordados? Será que somente a arquitetura escolar, com suas especificidades e seus discursos disciplinares podem ser as representantes de um paradigma de um período da história da educação? Ou será que todo e qualquer indício de atividade humana pode ser utilizado para assim historiografar a atividade humana caracterizada como educação?

É justamente nessa tentativa de eleger um tema aparentemente menor dentro espaço escolar, ou seja, a caligrafia, que encaminhamos a proposta deste boletim, podendo essa proposta ser colocada na seguinte pergunta: o que a caligrafia, os modos de grafar à mão as letras e o ensino da escrita podem nos dizer acerca dos paradigmas educacionais de um período específico, ou mesmo acerca dos movimentos sócio-culturais e científicos de um período? É nessa esteira que buscaremos ensaiar, neste boletim, algumas contribuições e indicações para uma possível história da caligrafia e do ensino da caligrafia para a história da educação.

Curiosidades!!

A alfabetização e a caligrafia no Brasil: o caso do sucesso editorial da cartilha Caminho Suave

A cartilha *Caminho Suave*, segundo Peres e Ramil (2015), fez parte do cotidiano escolar de muitos brasileiros, sendo parte dos PNLD do ano de 1985 até 1996, tendo mais de 130 edições publicadas.

Ela mostrou-se como uma grande possibilidade de professoras alfabetizadoras por seu método de alfabetização por imagens, desenvolvido por Branca de Alves Lima na década de 1940, fruto de sua atuação como professora primária e das dificuldades que enfrentava no processo de alfabetização de seus estudantes.

Desse modo, a autora desse método buscava conciliar as imagens e sua ludicidade com o aprendizado da leitura e da escrita.

Isso nos faz pensar como por muito tempo o ensino mecanizado, higiênico e muscular da caligrafia na alfabetização, encontra em tais métodos lúdicos uma contraparte mais produtiva.

Esta, mostra não só avanços da “ciência do alfabetizar”, assim como também uma concepção diferente da educação, que deixa de ser essa voltada para a construção de um homem higienizado e do progresso, para paulatinamente se importar com os processos de ensino-aprendizagem e não só de ensino, o que demonstra uma superação da concepção do aluno como um invólucro vazio. O que mostra, assim, parte desse debate feito na história da educação brasileira.



Exemplares da cartilha Caminho Suave. Nota-se que já na capa tais manuais não demonstram a mesma aridez dos outros manuais de caligrafia que já apresentamos. Imagem disponível em: <<https://www.redepedagogica.com.br/post/você-se-lembra-da-sua-cartilha-de-alfabetização-caminho-suave>> . Acesso: 14 de Ago. 2023.

Sobre as técnicas de escrita e a caligrafia

É muito interessante notar como que durante a história os processos de invenção de novas tecnologias, e mesmo a possibilidade dessas invenções, se dão por impactos sócio-culturais específicos na sociedade. Portanto, isso não seria diferente no caso da história da caligrafia.

Dessa maneira, segundo Camini (2010, pp. 100-101) os processos pedagógicos e disciplinares também sofrem a influência das mudanças das tecnologias de escrita. Você consegue imaginar, por exemplo, que em um primeiro momento as crianças utilizavam para a escrita penas de origem animal, tinteiro e mata-borrões? Tudo isso tornava muito mais complicada a prática da caligrafia. Assim, a invenção da caneta esferográfica na década de 1930 prometia revolucionar essas práticas por sua leveza e praticidade, além de permitir diferenças mais acentuadas nos caracteres individuais, mesmo que esse tipo de instrumento só fosse se popularizar durante a década de 1950.

Desse modo, fica o seguinte questionamento para o leitor: quais serão os impactos das práticas de escritas por meios eletrônicos, como por exemplo o celular e o computador na escrita realizada à mão?



Canetas pena e tinteiro, material utilizado para a escrita e ensino da caligrafia até a invenção da caneta esferográfica. Foto obtida do acervo pessoal de Urbano Kehl.

Presente no texto: SOUZA, J.; SILVA, T.; GRAZZIOTIN, L. Memórias narradas e uma lousa: relíquias de Urbano Kehl nos primeiros tempos de escola em Presidente Lucena/RS (1940). In: *Historiæ*, Rio Grande, v. 4, n. I, 2013.pp. 222.

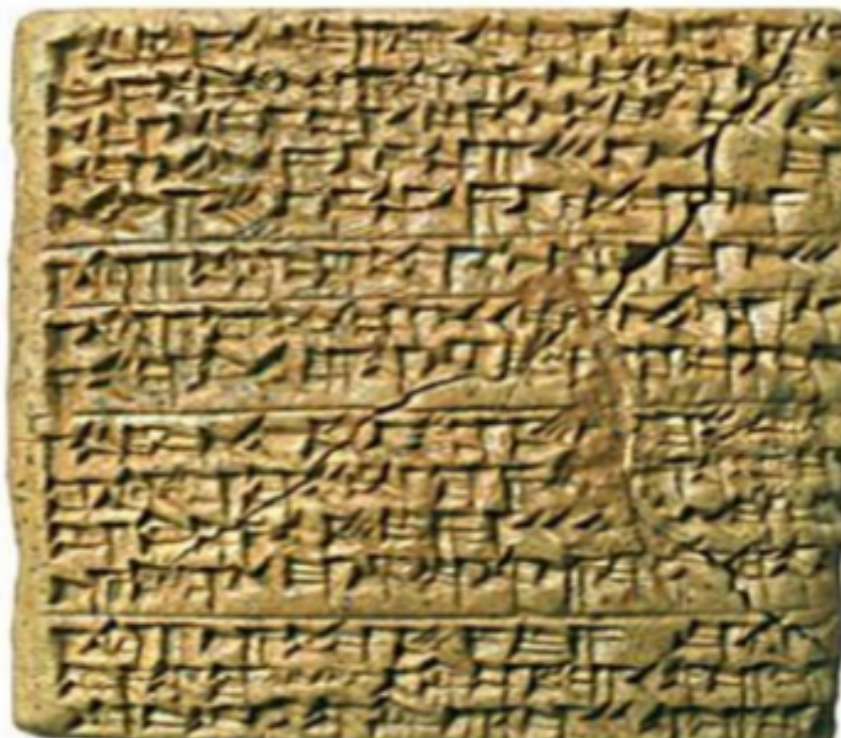


Anúncio da caneta BIC esferográfica da década de 1960. In: CAMINI, P. Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre os modos de disciplinamento e normalização da escrita. Dissertação de mestrado: UFRGS, 2010. pp 101.

2. Uma breve história da escrita: a caligrafia enquanto arte e enquanto técnica

Uma das grandes contribuições da escola dos Annales, principalmente após a sua terceira geração, mas já explicitada no livro, quase manifesto, de Marc Bloch, que já citamos, é a de propor que todas as atividades humanas podem ser historicizadas, sendo a História o “estudo dos homens no tempo” (Bloch, 2002, pp.67). Portanto, até as atividades desempenhadas quase que inconscientemente por nós podem ser historicizadas, desde a alimentação até, o objeto de nosso boletim, a escrita enquanto atividade manual.

Dessa maneira, Patrícia Camini (2010, pp. 63-67), aponta que a invenção e o aperfeiçoamento da escrita alfabética no mundo do mediterrâneo oriental antigo, pelos fenícios e posteriormente gregos e romanos, se deveu, sobretudo, pela necessidade de aperfeiçoamento da atividade comercial, claro que não se restringindo somente a isso nesses ambientes. Mas como já vimos propondo, tal grafia não possuía a forma da escrita à mão que possuímos hoje, sendo que as noções de espaçamento, do texto ser escrito da esquerda para a direita e a pontuação no geral foram incluídas posteriormente no decorrer da história da escrita.



Placa de Escrita Cuneiforme In: CAMINI, P. Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre os modos de disciplinamento e normalização da escrita. Dissertação de mestrado: UFRGS, 2010 pp.68.



Dessa maneira, na passagem da antiguidade para o medievo e modernidade, segundo Sandro Fetter (2011), podemos ver uma cada vez maior ênfase no processo artístico da escrita, aqui levado não no sentido burguês da arte, que concebe o artista como um gênio imbuído de inspiração, mas da arte de artesão, teorizada por Norbert Elias, em alguns de seus trabalhos sobre arte durante o período da modernidade, tendo os modelos desses períodos grande ênfase na beleza dos caracteres, sendo isso bem possível de ser visto, por exemplo, nos manuscritos medievais e modernos.

Intitulamos essa parte do boletim caracterizando a caligrafia entendida ora como arte ora como técnica, para deixar claras as ressignificações pelas quais ela passa do período da modernidade para a contemporaneidade.

Obviamente, tal ressignificação não se dá ao modo de uma ruptura brusca, visto que na modernidade já temos um processo maior de alfabetização das classes populares após a reforma protestante, mostrando o caráter processual de tal mudança.

Assim, com a popularização da escrita sendo paulatinamente realizada durante a modernidade, abre-se espaço para a utilização desta como ferramenta de governabilidade e mesmo como meio de comunicação viável para assuntos administrativos, cada vez mais concentrados nas mãos de profissionais do Estado, o que requer um uso instrumental dessa, não precisando mais recorrer então aos floreios, como no caso de uma escrita/caligrafia menos utilitária como as apresentadas nos manuscritos medievais.

Tudo isso acompanhado da necessidade de letramento, imposta pelo desenvolvimento de um sistema econômico e político do capital, faz com que os processos de escrita se apresentem cada vez mais de maneira utilitária, e ela, por seu caráter público, passa a ser alvo de normatizações, característica essa do paradigma do estado moderno e sua sociedade da disciplina, que será mais elaborada posteriormente.



3. O espaço escolar e a disciplina

Gilles Deleuze e Félix Guattari, dois filósofos franceses, prolíficos na segunda metade do século XX, propõem em um dos platôs, de seu livro intitulado *Mil Platôs*, segunda parte da série *Capitalismo e Esquizofrenia*, que “a professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela “ensigna”, dá ordens, comanda.” (Deleuze; Guattari, 2011, pp. 11-12).

Em outra parte, destacam: “A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe a criança coordenadas semióticas [...]” (*Idem*, pp.12).

Começamos essa parte do boletim com tais citações, pois cremos que elas são muito boas para caracterizar o discurso em geral que podemos perceber fazendo um levantamento sobre o ensino de caligrafia, que é a intensa ligação que essa possui com a sociedade disciplinar, teorizada e estudada principalmente por outro filósofo da mesma geração, Michel Foucault.

Quando Deleuze e Guattari falam do ensino enquanto ordenamento e “ensignação” estão caracterizando a escola e a educação do período em que estão produzindo seu livro, os anos 1970 na França, enquanto aparato de conformação de pensamento a um pensamento visto como adequado. Ou seja, enquanto não um sistema de formação de multiplicidades, mas enquanto adaptação dessas e de suas potencialidades, pois no vocabulário dos dois filósofos da conformação dos devires há uma estrutura majoritária de poder que nomeia, caracteriza e significa acontecimentos.

Tudo isso é dizer o seguinte: a escola, nesse período para os autores, era um espaço de conformação e de busca por uma uniformidade, obtida a partir da ordem, mas que, claro, também permitia resistências e ressignificações, tese essa também corroborada por Foucault.



Desse modo, podemos pensar o seguinte: já que a escola nesse período do século XX, mas também no século XIX e anteriormente, pela caracterização da sociedade disciplinar foucaultiana, é um espaço de disciplinarização e normalização das atividades, como essa normalização e disciplinarização reverberam nos aspectos mais individuais do aprendizado?

Assim, pensamos ser interessante observarmos como algo tão particular como a escrita que se faz à mão está em grande ressonância com movimentos históricos e discursos de poder que reverberam no espaço escolar dessa sociedade disciplinar, sendo manifesto, portanto, nos movimentos mais sutis do escrever à mão.

Na parte anterior de nosso texto, buscamos apresentar como as escolas se apresentam enquanto espaço de disciplina interior ao Estado Moderno, a partir, principalmente, de Deleuze e Guattari. Deixamos também explícito a conversão da caligrafia em uma técnica utilitária no começo de nosso boletim.

Mas é também interessante notar como essa disciplinarização da escrita penetra mesmo em ambientes que não estão necessariamente em espaços e processos de disciplinarização realizados pelo estado. Dessa maneira era comum haver cursos de caligrafia para pessoas interessadas, fora do ambiente escolar.

Também é interessante notar como há toda uma gama de escolas de caligrafia, que se desenvolvem no século XX, partidárias de uma teoria da caligrafia muscular (Fetter, 2011, pp.167-174), que buscava reduzir o pensamento sobre a escrita à mão ao movimento do músculo, da postura etc., de maneira a dar uma base científica, já em uma concepção científicista, dessa.

Percebe-se, também, que esse pensamento acerca da postura e da cientifização da escrita chega a pontos máximos da ortopedia, sugerindo aparelhos para correção de postura feitos de metal, dando assim um caráter ortopédico para esse ensino, que busca disciplinar o corpo quase que de maneira análoga à ortopedização dos jardins modernos franceses, trabalhados por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987, pp.32).



Um bom exemplo são as imagens que seguem abaixo, retiradas de um volume presente no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE), que registram os métodos de um curso de caligrafia muito premiado, que se dava fora do ambiente escolar, mas em um ambiente especializado no ensino da caligrafia. Repare-se também a semelhança com as imagens dos jardins retiradas de Vigiar e Punir.



A ortopedia aplicada aos corpos.
In: FRANCO, A.
Sempre é tempo:
Método de
Caligrafia de
Franco. São
Paulo, 13 ed.,
S.D, pp 34-59

A ortopedia aplicada aos jardins.
In: FOUCAULT M. Vigiar e Punir:
nascimento da prisão. Petrópolis:
Editora Vozes, 1987.



Voltando à discussão acerca da caligrafia no ambiente escolar, apontamos que um dos textos bases que escolhemos para orientar nosso boletim, assim como para ajudar-nos a pensar a relação da caligrafia com os processos de disciplinarização do corpo foi a dissertação de mestrado de Patrícia Camini, intitulada *Das ortopedias (Cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita*, defendida no ano de 2010. Nela, a autora faz ligações interessantíssimas entre as teorias Foucaultianas acerca da sociedade disciplinar, essas que já citamos anteriormente, e as caracteriza como paradigma importante para o entendimento da sociedade do século XIX e XX e o ensino de tal matéria escolar.

Desse modo, pensamos ser de grande valia para situarmos a discussão que faremos o relato que a autora faz de sua experiência enquanto professora e da comunidade de professores com quem ela teve contato durante sua carreira e no período de sua dissertação, de modo que essa narra uma certa perda de popularidade do ensino de caligrafia durante o momento em que ela produz sua pesquisa. Avalia que muito professores têm uma leitura desse ensino enquanto algo muito mecânico e até mesmo autoritário e arbitrário, passando longe do ideal de uma educação libertadora, que era vista como o ideal a se perseguir na época, o que contrasta profundamente com o apanhado histórico que a autora faz posteriormente acerca da história do ensino de caligrafia e mesmo da caligrafia enquanto disciplina, durante os séculos XIX e XX. Desse modo, vemos aí já a primeira historicização desse dado tão particular que é a escrita à mão e que ficará mais claro posteriormente.

Dessa maneira, o trabalho de Camini se concentra na história da disciplina, principalmente a partir do século XIX. São muito interessantes as discussões que a autora faz de uma gênese da escrita, indo desde os fenícios que constroem o alfabeto base da língua grega, que vai se espalhar durante o período helenístico, claro que imiscuindo-se com outras escritas como por exemplo o persa, que muitas vezes se misturavam nas bordas orientais do mundo de hegemonia helênica.



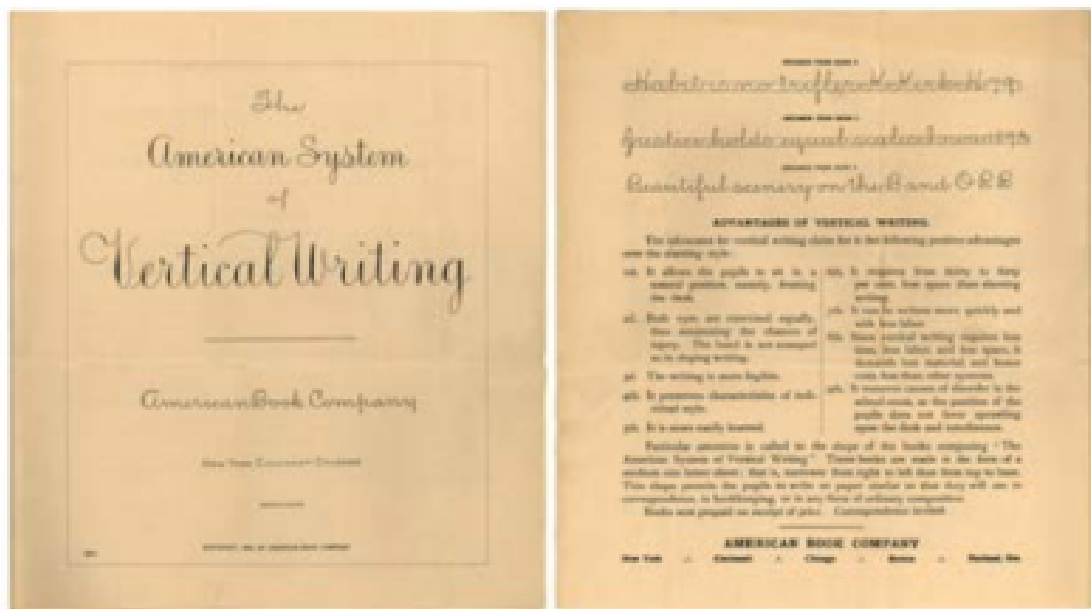
Outra discussão importante trazida pela a autora no segundo capítulo de sua obra, que vai nessa direção do estudo das condições em que a caligrafia se coloca como um problema a ser normatizado pela sociedade, é a da passagem da linguagem pictórica para a cada vez maior mimesis traçada pelas letras em sua imitação da linguagem verbal, apontamentos também muito trabalhados por Deleuze e Guattari, autores por vezes citados pela autora. Tudo isso nos levando à seguinte problematização: se há uma normatização do falar, existindo um bem falar, também há, seguindo o argumento anterior, um bem escrever, esse se tornando vigiado nesta sociedade que aproxima as figuras escritas da palavra falada.

É muito interessante também pontuar como que para além da normatização mais óbvia do escrever de maneira legível ou com uma certa proporção, uma avaliação da história do ensino de caligrafia pode trazer detalhes interessantíssimos acerca do imbricamento da história da educação com a história social e mesmo a história das ideias.

Nesse sentido, Fetter aponta (2011, pp.174-176) como que a escrita vertical - essa letra cursiva que se desenha de maneira mais vertical, com pouca inclinação, sem muitos detalhes, que podemos ver muito presente nos manuais de caligrafia - e o alavancamento de seu status como forma de escrita importante de ser ensinada e utilizada, está profundamente ligada com concepções positivistas e higienistas sociais, que começam a ganhar força no final do século XIX e começo do século XX.

Os advogados desse modelo de letra criticavam duramente a escrita inclinada (que era muito presente na escrita à mão dos ingleses), pois, segundo eles, essa causava diversos problemas de saúde, entre eles escoliose e miopia. E assim, a partir do final do século XIX, conseguem estabelecer-se com grande força no pensamento acerca do ensino de caligrafia.





Habit is no trifle Kirk 79
Justice holds equal scales Iowa 1893
Beautiful scenery on the B and O R R

Figura 114. Um dos primeiros modelos verticais norte-americanos.
Fonte: The American System of Vertical Writing (1894).

In: FETTER, S. Modelos caligráficos na Escola Brasileira: uma história do Renascimento aos nossos dias. Dissertação de mestrado: UERJ, 2011 pp.I76.

Dessa maneira, podemos ver como nem mesmo a forma da grafia das palavras nos cadernos, movimento feito pelos estudantes muitas vezes de modo involuntário, é livre de uma historicização e de movimentos políticos e ideológicos específicos que ressoam na sociedade em geral.

Sendo importante também notar, trazendo de volta a discussão foucaultiana, como esse processo de disciplinarização da caligrafia não se dá somente como uma maneira de controlar o que se escreve, mas também o como se escreve. Assim, fazendo com que não só o discurso seja controlado, mas também a forma de sua produção, resultando numa docilização dos corpos que ecoa formas de disciplina teorizadas pelo autor. Este é um grande exemplo da história do ensino de caligrafia na ligação com as práticas educacionais dessa área e sua vinculação com as teorias médicas higienistas e positivistas que buscavam um controle dos corpos para a direção da sociedade até um progresso.



Trazendo a discussão para um âmbito da escola brasileira no século XIX e XX, Carmini (2010, pp. 83-94) aponta que o impacto das teorias da Escola Nova, do ensino intuitivo e as teorias montessorianas, foram muito importantes para o desenvolvimento da prática do ensino escolar da caligrafia.

Ela também destaca, em consonância com que indicamos anteriormente sobre a escrita vertical, que o ensino de caligrafia começa a se direcionar menos para um lado ornamental, tendo em vista agora um ensino ortopédico de caligrafias que sejam desviantes do “gradiente normal” como a autora coloca. Nesta, a ênfase é na legibilidade e não na beleza da escrita, sendo portanto mais um argumento para a adoção feita para o *establishment* do ensino de caligrafia no Brasil das letras cursivas e verticais, utilizando argumentos similares aos que exploramos no parágrafo anterior, podendo assim relacionar o profundo espírito utilitário e modernizante dos séculos XIX e XX com a simplificação dos tipos e os discursos higiênicos sobre esse (*Idem*, pp.92-93).

Ainda, as discussões sobre a postura e mesmo o tipo da letra utilizada são muito representados na frase em voga na época, segundo Carmini, de “Papel direito, corpo direito, escrita direita” (*Idem*, pp. 93), que deixa de maneira muito clara o caráter de biopoder e disciplina buscada por tais elaborações teóricas e educacionais.

Desse modo, por muito tempo, segundo a autora, o aprender a escrever estava necessariamente ligado ao aprender a caligrafar (*Idem*, pp.95), sendo que a troca processual desse paradigma de pensamento acerca da alfabetização deve-se, sobretudo, a galgada de força das técnicas de datilografia no ambiente profissional.



Conclusão

Dessa maneira, podemos perceber como o ato de escrever é profundamente historicizado e ecoa as influências dos sistemas de significação em voga.

Como já trabalhamos neste boletim, na contemporaneidade o processo do ensino de caligrafia muito se deu na esteira da disciplinarização, assim como os outros saberes escolares. Contudo, isso não significa dizer que a caligrafia seja necessariamente um processo de domesticação do outro e do eu, sendo que essa pode ser utilizada das mais diversas maneiras para os mais diversos propósitos, sendo as variantes as redes de poder que a significam.

Tudo isso é dizer que o futuro da caligrafia e do ensino de caligrafia também dependerá de como a sociedade significará tal prática daqui para a frente, tendo em vista outros processos e técnicas de escrita como a utilização de computadores.

A história que aqui brevemente buscamos introduzir, sem a mínima pretensão de esgotar o assunto, continuará e dependerá das técnicas e do pensamento social que sobre ela discorre e circunda, como aconteceu desde o começo da escrita.



BIBLIOGRAFIA

CAMINI, P. Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre os modos de disciplinamento e normalização da escrita. Dissertação de mestrado: UFRGS, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2, Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

ELIAS, Norbert. Mozart, sociologia de um gênio. Trad. Sérgio Góes de Paula, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

FETTER, S. Modelos caligráficos na Escola Brasileira: uma história do Renascimento aos nossos dias. Dissertação de mestrado: UERJ, 2011 pp.176.

FOUCAULT M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANCO, A. Sempre é tempo: Método de Caligrafia de Franco. São Paulo, 13 ed., S.D.

PERES, E.; RAMIL, C. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio. In: Cadernos de Pesquisa em Educação- PPGE/UFES. Vitória, v. 19, n. 41, jan./jun. 2015, pp. 53-79.

SOUZA, J.; SILVA, T.; GRAZZIOTIN, L. Memórias narradas e uma lousa: relíquias de Urbano Kehl nos primeiros tempos de escola em Presidente Lucena/RS (1940). In: Historiæ, Rio Grande, v. 4, n. 1, 2013.pp. 213-226.



Equipe

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DTFE-ED)

ESTUDANTES

Camila Emi Iwahata - História Vespertino

Gabriela Yumi Urazaki - História Vespertino

Gécia Aline Garcia - Doutoranda PPGE

Jéssica Conceição da Silva - Pedagogia Matutino

João Victor Silva Borges - História Vespertino -

Bolsista Extensão

Maria Aparecida Codognotto - Pedagogia Noturno

Nathaly de Moraes Dias - História Vespertino -

Estagiária

Rhangel dos Santos Ribeiro - História Vespertino -

Bolsista Fundação Araucária

Virgínia Lourençon da Silva - Pedagogia Noturno

CONTATO

E-mail: historiadaeducacao@ufpr.br

Facebook: <https://www.facebook.com/historiasememoriased>

Instagram: <https://www.instagram.com/historiasememoriased/>

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em:

<https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historiada-educacao/publicacoes-do-cdphe/>

